

A FRAGMENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA ERA DIGITAL

Cidades Inteligentes como uma nova forma de urbanismo
ou como continuidade das contradições históricas?

Carolina Meleiro Leirinha*

As cidades inteligentes surgem no século XXI como efeito de um avanço acelerado na tecnologia das últimas décadas e são vendidas como ideia de um modelo urbano inovador, que promete revolucionar a maneira como as metrópoles são planejadas e administradas e, por consequência, vividas. Baseadas em tecnologias super avançadas, como inteligência artificial, *big datas* e sistemas interconectados aplicados na infraestrutura urbana, a ideia de cidades inteligentes se torna uma mercadoria que constrói um ideário de ambiente mais eficiente, acessível e resiliente aos efeitos de diferentes questões que a humanidade já sente, como mudança climática e crescimento populacional. No entanto, até que ponto essa transformação da era digital pode ser vista como uma forma de urbanismo mais evoluída ou uma continuidade das contradições históricas?

Como bem colocado por Evgeny Morozov em “A Cidade Inteligente: Tecnologias Urbanas e Democracia” as inovações tecnológicas são vistas como se tivesse um valor essencial para a melhoria da sociedade, mas essa ideia se resume a uma visão simplista que ignora as complexidades da vida urbana e os contextos sociais, econômicos e políticos que moldam as cidades do mundo. A ideia destacada por ele de “fetichização” da tecnologia pode ser percebida no discurso vendido para toda a população de que essas inovações vão melhorar a vida de todos, quando, na verdade, a maioria da mesma continuará não tendo acesso a um estilo de vida modernizado e ainda enfrentará as consequências dessa aceleração tecnológica desenfreada e não planejada dentro dos moldes da igualdade e sustentabilidade.

Essa proposta de melhoria que engana a maior massa da população me fez pensar numa comparação com o processo de urbanização intensa e descontrolada que moldou o Rio de Janeiro e acarretou em cidades claramente despreparadas e intensificou seus problemas sociais. Fazendo um paralelo do tema com o texto “Paradoxo da Modernidade” de Luciana Martins e Mauricio Abreu, fica claro para mim que a realidade brasileira conecta o tradicional ao moderno sob dinâmicas que reforçam desigualdades estruturais, trazendo reflexos na atualidade de um regime colonial baseado em posse, disputa de terra e escravidão, e não consigo enxergar como a nova transformação do espaço urbana para as cidades inteligentes seria diferente disso.

No meu entendimento, a lógica da mercantilização do espaço se perpetua pelo fato de que o ambiente urbano modifica as relações sociais, criando padrões de comportamento e dinâmicas de interação e adaptabilidade, resultando em modo de vida mais distante que fragmenta experiências coletivas, como explicado por Wirth em “*Urbanism as a Way of Life*”. Dessa forma, no contexto das grandes cidades, a natureza impessoal e o foco nos interesses individuais criam um ambiente propenso a perpetuação do discurso neoliberal que também valoriza a autonomia e a autopromoção.

A partir do texto de Morozov e pensando o cenário histórico, principalmente do Brasil mas também do resto do mundo, vejo que a mercantilização é peça fundamental para que as cidades inteligentes sejam sonhadas de maneira equivocada pela população. O neoliberalismo e as dinâmicas do capitalismo global transformam cidades em mercadorias e projetam a ideia de que seu lucro pessoal seria importante para o bem-estar geral, quando, na verdade o que existe é uma lógica de economia predatória. Faço a associação também com Pierre Dardot e Christian Laval, que em “A Nova Razão do Mundo” argumentam que o neoliberalismo não se restringe a adoção de políticas econômicas de mercado livre, mas pode ser encarado como um novo regime de governança que se infiltra em todas as camadas da vida social, transformando a própria cidade em uma empresa, onde a competitividade, o lucro e a eficiência são os principais norteadores da gestão urbanas. Assim, as cidades inteligentes, como pensado por Morozov, a infraestrutura urbana, quando controlada por grandes corporações tecnológicas, passa a ser projetada para atender a elas mesmas.

Outra ferramenta importante a ser discutida é a questão dos algoritmos e da vigilância em massa, onde os cidadãos são monitorados e analisados constantemente para uma lógica de lucro personalizada. Essa forma de tecnologia já é usada para reforçar a centralização do poder nas mãos de grandes corporações, e em um contexto de cidade inteligente isso seria ainda mais intenso. Essa manipulação é um novo regime de poder das eras digitais e uma maneira muito potente de enraizar o neoliberalismo e a sociedade do consumo, uma vez que alimenta constantemente desejos para todas as camadas da sociedade e manipula escolhas individuais que impactam a vida urbana, intensificando o problema da desigualdade e também da questão ambiental, aos quais são ignorados na óptica dessa estrutura econômica.

Dessa forma, refletindo sobre as propostas das cidades inteligentes, é possível perceber que, embora a tecnologia ofereça inovações que possam melhorar aspectos específicos da vida urbana, analisando o contexto social elas podem ser entendidas como uma repetição das contradições estruturais do urbanismo tradicional, e não como uma

transformação efetiva da forma de habitar e interagir nas grandes metrópoles, muito menos como uma solução para os desafios sociais e urbanos. A dinâmica neoliberal que lucra com o desenvolvimento dessas cidades propaga a ideia de que a mesma promoveria inclusão e igualdade, quando, na verdade centraliza ainda mais o poder. Assim, corremos o risco de nossa busca por modernização e futuro acabar perpetuando problemas tão antigos que nunca foram resolvidos

*Carolina Meleiro Leirinha é graduanda de sociologia pela Universidade Federal Fluminense.

REFERÊNCIAS

WIRTH, Louis. Urbanismo como Modo de Vida. In: VELHO, Otávio. **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967

ANTUNES, Henrique F. **O modo de vida urbano**: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth. PontoUrbe, n.15, 2014.

MOROZOV, Evgeny; BRIA, Francesca. **A cidade inteligente**: Tecnologias urbanas e democracia. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MARTINS, Luciana L.; ABREU, Maurício. Paradoxos da modernidade. O Rio de Janeiro do período joanino 1808-1821. In: FERNANDES, E.; VALENÇA, M. (orgs.). **Brasil urbano**. Rio de Janeiro: Mauad Edit., 2004

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Editora Boitempo, 2016